O Amazonas que eu ví

SARAIVA LEÃO

Quem demanda o Amazonas, mesmo a passeio, há-de mister aperceber-se de alguns conhecimentos ântropo-geográficos da região para poder, embora de leve, ter noção do que é aquele pedaço de mundo, como que desgarrado do resto, inconfundível, absolutamente estarrecedor.

Quem escreve sobre o Amazonas, sem lhe penetrar o âmago, sem lhe conhecer os meandros todos, sem o contato com o homem, mesmo civilizado, da selva, sem lhe experimentar os perigos e os encantamentos, não pode, de sã consciência, de modo seguro, falar sobre "a gloria do Planeta", como lhe chamava Eliseé Reclus.

Não me proponho, pois, fazer trabalho abalisado, mesmo do que vi, sobre a Amazônia, "a formidável ilha ao mesmo tempo ecológica e sociológica", no dizer de Gilberto Freire.

Impressões de viagem breve, que dá, apenas, para fascinar a quem, além da rota Belém-Manaus, deixou-se embalar pelo pitoresco da **selva-selvaggia,** durante um dia todo, penetrando **paranás** (canais naturais que ligam dois rios, ou um braço que se destaca do mesmo rio para penetrar-lhe mais logo a jusante, **furos** em língua portuguêsa); internando-se pelos **igarapés** (ou rio pequeno, passagem de piroga, ou caminho de canoa), onde as frondes das árvores gigantescas se unem, verdadeiro túnel vegetal sombreando tudo, quando o sol campeia, aceso e vivo, lá fora; invadindo os **igapós** (a selva inundada das águas que transvasam os rios), em cujo meio a canoinha se move com dificuldade, desviando os troncos, desvencilhando-se das lianas, evitando os espinhos, livrando-se dos galhos secos que vergastam a face, por mais cuidado que se tenha! O igapó, na Amazônia, é um mundo à parte, diz-nos Raimundo de Morais. Enfim, entrando os lagos (a água redonda dos índios) e alcançando, após penoso acesso, o **habitat** da Vitória Régia — o **uapés** do selvícola. O nome de Vitória Régia lhe foi dado por Lindell, inglês, em honra da rainha Vitória.

Ao aproximar-se de Belém, por via marítima, tem-se a impressão da entrada em um gólfão imenso, de aguas misturadas, em que quase predomina a cor das águas túrbidas do grande estuário. E sabe-se que o Amazonas leva de vencida o oceano penetrando-lhe fundo, numa extensão de trezentos quilômetros ou mais. E a boca hiante do poderoso rio escancara-se mais do cabo Norte à ponta de Tijóca, numa distância de outros trezentos quilômetros!

Começam, então, já na baía de Guajará, no rio Pará, os encantamentos daquelas plagas em que predomina a água, que surge de todos os recantos. O rio Pará que corre entre a ilha de Marajó (que equivale mais ou menos a superficie de Portugal) e o continente, formado pelo Tocantins (que significa nariz de tucano) e que recebe o majestoso Araguaia, e mais pelo Guamá e seus afluentes, segundo uns, não faz parte ou não é tributário do Amazonas. Liga-se a ele pelo estreito de Breves e mais furos, mas tem a sua desembocadura à parte, livre.

Raimundo de Morais, o grande conhecedor do Amazonas: "Onde, agora, se levanta aquele território retalhado de furos, já passou, em dias remotos, um braço do Amazonas, profundo e vasto." Ainda: "Cada ilha das que apertam os canais é um bloco trazido de longe pelo Amazonas, corresponde a um núcleo de formações deltaicas, significa o grão de areia, o detrito mineral, a vasa vegetal que se fundem e se misturam no plasma da gleba que vai ligar Marajó ao continente."

"Antigamente, continua o autor, a derrota passava no furo Paranau, que reflete Breves, atingia o **poção** dos Macacos, penetrava o Aturiá, varava o Tajapura, investia o Limão, o Itùquara e desembocava no braço meridional do Amazonas. Quem subia, penetrava no dédalo pelo Boiussu, em cujo surgidouro um farol guia, nas angusturas dos bancos da entrada, a quilha tateante dos navios."

E, talvez, por isso, pelo farol guiador, o "Princesa Leopoldina", em que viajávamos, levado por um prático seguro, que lida naquêles meandros desde os 15 anos, não quis, na volta, à noite, aventurar-se pelo estreito de Breves e penetrou o Boiussu, com mais confiança.

O prático, com quem conversei, e que conhecia a palmo todos os accidentes do rio-mar, recebe o navio em Salinas, nas costas do Pará, antes de penetrar a foz, e vai até Manaus. E, de volta, só o deixa em Salinas.

Já Bates, o grande sábio inglês, em 1848, anotava que Salinas é o ponto de praticagem dos navios que demandam o Pará, único porto de entrada para a vasta região banhada pelo Amazonas.

O estreito de Breves, plenamente navegavel por transatlânti-

co, é realmente de uma angustura surpreendente. A vegetação de suas margens é mais de palmeiras, principalmente de açaí, que, segundo R. de Morais, vai do golfo amazônico ao sopé dos Andes, e mais a Miriti, uma das mais belas palmeiras da região, cujo nome científico é **Mauritia**, dado por Lineu, em homenagem a Maurício de Nassau.

Há uma curva no estreito que obriga, às vezes, como aconteceu com o nosso navio, que era muito grande, a manobras curiosas: a prôa quase que toca a barranca e, na marcha para trás, os galhos das árvores penetram a pôpa, a ponto de serem suas folhas colhidas a mão!

Aqui e ali, montados em palafitas, como nas construções lacustres antigas, os casebres de palha, habitados pelo caboclo valente e miseravelmente pobre, e pobre no maior celeiro, que devia ser, do mundo! É o que notou Bates, se me não engano: "...e a mistura impressionante das riquezas naturais e da miséria humana!"

E crianças, meninos e meninas de 8 a 10 anos, em montarias ou ubás (pequenas canoas), numa velocidade impressionante, deslizam ao lado do navio, sem lhes importar o torvelinho das águas movidas pela potência das enormes hélices, e que bem poderiam sorvê-los no redimoinho que vai deixando.

E esse arriscar-se, esse aventurar-se perigosíssimo só e apenas com o fito de apanhar o que lhes lançam, de bordo, os passageiros: pão, biscoitos, comestíveis, enfim, empacotados em plástico. E é de ver-se com que agilidade apreendem com o remo o embrulho e o depositam na frágil canoazinha. Muitas vezes, dois, três, avançam sobre o objeto que flutua e, numa contenda interessante, vence o mais hábil, o mais treinado no mister.

Atravessando o estreito, que é longo, (80 milhas), cai-se de cheio, nas águas barrentas do Amazonas. A imensidade de ilhas que emergem do leito da torrente (seis mil ilhas, mais ou menos), impede a visão de um horizonte mais vasto em que quase se não poderiam ver as márgens do mais volumoso caminho de água que se conhece! E, assim mesmo, há trechos em que a vista se perde na intumescência das águas! É o que, não há duvidar, dizia Elizabeth Cary, mulher de Agassis, a qual lhe fazia o diário: "Este labirinto dágua é bem mais um oceano de água doce, cortado e dividido pela terra, do que uma rede fluvial. É preciso navegar mêses inteiros nesta bacia gigantesca para compreender até que ponto a água aí subjuga a terra!"

E o navio, o transatlântico, singra com a mesma desenvoltura da marcha nos mares. É que se navega em um mar de águas doces, serenas e calmas, como as de um lago. O Amazonas é um

rio de planicie, em que se não nota a velocidade da corrente. E assim sobe-se até Manaus, sem que o navio sofra o mais leve movimento. É estabilidade absoluta. É o conforto completo dos que enjoam!

A desvantagem, porém, para quem quer conhecer as cidades ribeirinhas, é que não há paradas nos portos intermediários entre Belém e Manaus. Uma parada enquanto se abastece dágua, em Santarém, na foz do Tapajós, rio de águas verdes e límpidas. A cidade que parece bonita e boa fica distante. E eu que tinha interesse de visitá-la para procurar em sua Igreja Matriz um crucifixo de tamanho natural, que é histórico, porque foi dado por von Martius, sábio alemão, que em 1816, em viagem de estudos, nas proximidades do povoado, que já existia e que era considerado o mais adiantado daquelas ribeiras, seu bote a remos, desgovernado por um temporal, sofreu naufrágio. Ele, crente que era, apelou para os Ceus e prometeu que, se escapasse, mandaria da Alemanha, para a igreja local, uma imagem ou coisa que o valha. Os índios qut tripulavam o barco, grandes nadadores, salvaram-no. Chegado que foi a Munich, o seu primeiro cuidado foi cumprir a promessa!

Curioso, eu queria saber se, realmente, lá está o crucifixo, que não é uma obra de arte, mas é um documento da passagem de um dos grandes homens que, no século passado, procuravam desvendar os segredos do vale, em sua fauna, em sua flora, em sua etnologia, em sua geo-história. É esse, incontestavelmente, o inconveniente de subir o Amazinas, mesmo até Manaus, em transatlântico. Os conhecedores daquelas paragens aconselham a viagem em navios pequenos, em gaiolas, que param e demoram em todos os portos que marginam o rio.

Para frente, depara-se-nos Obidos, alcandorada numa eminência, cavada ao sopé pelo estreito do mesmo nome, cuja profundidade a sonda acusa 80 metros e mede de largura 1890. Todo o Amazonas, fatalmente, passa por aquêle estreito, ponto único em que se nota correnteza.

Os portuguêses acharam que, realmente, era o ponto máximo de defesa do rio. E lá erigiram uma Fortaleza. Mas, Elizabeth Cary, arguta e perspicaz, a mulher, como já disse, do grande Agassis, ictiólogo suisso, que estudou profundamente os peixes do Amazonas e encontrou duas mil espécies, mais do que as do Atlâncico e duas vezes mais do que as do Mediterrâneo, Elizabeth verificou que as balas dos canhões atingiriam a outra margem, à direita, mas qualquer vaso de guerra passaria incólume se rastejasse à esquerda, onde se montaram os canhões!

Nas proximidades de Manaus, vê-se, também, numa barranca

abrupta, uma refinaria de petróleo que, de certo, está produzindo muito. A Companhia de Petróleo do Amazonas (COPAM) assegura o que se diz por lá: "Na Amazônia só se consome combustível do Amazonas".

Antes de Manaus, a uns 18 quilômetros, abaixo da antiga Barra do Rio Negro, depara-se-nos o fenômeno magnífico, com nitidez espantosa, do encontro das águas, que correm paralelas sem se misturarem, dividindo os dois rios famosos: o Rio Negro (o rio morto, como lhe chamam os indígenas) e o Solimões (o rio vivo, na mesma denominação). "A estrutura irregular do leito origina, pois, o tumulto fluvial, ali observado", diz um autor. É que, às vezes, um invade o outro, abrindo-lhe o Solimões claros, nas águas pretas do Rio Negro, ou este intrometendo-se naquele, formando manchas pretas, destacadas, como ilhotas movediças!

O Solimões é barrento, de cor avermelhada, que bem conhecemos, aqui, nos nossos rios, nas suas enchentes. E não é só ele: o Madeira, o Purus e o Juruás. São rios portadores de sedimentos. O Rio Negro é preto como tinta. Há várias teorias a respeito dessa coloração: algas que tapetam o leito ou minerais na profundeza das águas. Mas a de maior fundamento é a que o Prof. Orlando Valente, do Conselho Nacional de Geografia, descreve: "as águas negras são devidas a rios de solos pobres, arenosos, lixiviados, e o ácido húmico, resultante da decomposição da matéria orgânica vegetal, é carreado, em dissolução, para os cursos dágua. Como esse ácido é preto, tinge as águas dos rios, com uma cor de café. E há, também, outros rios de águas pretas: o Maués, o Urubu, o Preto da Eva e o Manacapuru. E igarapés que nascem nos taboleiros arenosos.

Essa divisão das águas não é peculiar aos dois rios. Em Santarém, igualmente, nota-se a separação entre as águas do Amazonas e as verdes do Tapajós. O mesmo fenômeno, diz R. de Morais, ocorre na Suissa, entre as águas do Arve e do Ródano.

O encontro das águas, como é chamado, inspirou o nosso grande Quintino Cunha, que o cantou em versos magníficos, que todos deveis saber, mas que me não posso fugir de mostrar-vos, pelo menos, quatro quartetos, que dizem tudo:

"Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.

. . . . . .

Olha esta água que é negra como tinta,
Posta na mão é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

Aquela outra parece amarelada,
Muito, no entanto é também limpa, engana;
É direito a virtude quando passa
Pela flexivel porta da choupana.

. . . . . .

Se estes dois rios fôssemos, Maria
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos."

Enfim, Manaus, a bela capital da selva, nome de uma tribo indígena, que substituiu o primitivo Barra do Rio Negro. Cidade que teve seu apogeu na época da borracha e que, ainda hoje, demonstra o seu fausto passado no Teatro do Amazonas, "erigido no topo de uma colina como se fosse a acrópole dos deuses das florestas, é a Torre Eiffel da cidade das Selvas e marca a capital no espaço e no tempo. Sua arquitetura é a italiana, com predomínio neoclássico e sinais de **art-nouveau**. Seus interiores, ricamente decorados com telas de Domenico de Angelis e Capronesi, apresentam um **foyer** em estilo veneziano, com mármores, espelhos e candelabros importados de Veneza".

"O Palácio Rio Negro, sede do executivo, é de estilo francês do início do século, em que se nota certo hibridismo entre o clássico (mais pronunciado) e o **art-nouveau**. Imponente em suas proporções arquitetônicas, foi construído em 1917."

"O majestoso edifício do Tribunal de Justiça construído na mesma época do Teatro Amazonas. Sua arquitetura neoclássica, lembra o Palácio dos Conservadores no Campidoglio de Roma."

Praças bonitas e amplas, com fontes luminosas. E quase tôda a cidade asfaltada. O bairro dos Educandos me impressionou pela quantidade de casas suspensas em palafitas, às margens de um igarapé. Dá uma idéia de favela.

O porto flutuante "é obra de arte e de singular concepção da Engenharia Moderna.

A impressão da cidade é a melhor possivel, principalmente por ser uma **urbs** alevantada na floresta que a rodeia e do rio magnífico, imenso e negro, que lhe serve a ela de estrada real!

A Praia da Ponta Negra, embora pequenina, é uma das atrações turísticas de Manaus, porque dela se descortina um panorama dos mais arrebatadores. A cachoeira de Tarumã é outro espetáculo digno de ser visto, pela beleza da sua queda.

Não fora o homem tão imprevidente e matasse por esgotamento a **hevea-brasiliensis,** sem a renovar, deixando ainda que o estrangeiro lhe transmudasse a semente para outras regiões, a indústria extrativa principal ainda poderia ser hoje fonte de riqueza, coom o foi em começo do século.

Mas, agora, o Sindicato dos Seringalistas na Integração da Amazônia conhecendo que "a produção da borracha, ainda hoje, predomina como uma das principais fontes de recursos", e o orgão S.I.E.B.E.A. Sindicato da Industria da Extração da Borracha no Estado do Amazonas, vem tomando medidas para o progresso da indústria extrativa, que havia caído de forma espontânea. E, no momento, defende junto à mais alta administração da República, a adoção de algumas medidas que julga de maior importância. E entre elas destacam-se as duas finais: C) Implantação da cultura seringueira na Amazônia, através de um programa de incentivo financeiro à heveicultura, com assistência técnica e permanente. D) Financiamento a médio e longo prazo e juros módicos, para o desenvolvimento, em termos econômicos, da agricultura e da pecuária nos seringais."

Está, pois, em voga, a tese de R. de Morais: a Agricultura e a Pecuária como fontes de riqueza para o grande Estado. Opinava esse autor, nos idos de 1925, mais ou menos. "Se a vida, agora, já é propicia, mal completo ainda o levantamento telúrico, avalie-se o que não será amanhã, quando a bacia trabalhada pelos ventos e pelas águas atingir altitude desafogada. Surgirá, então, dilatado e completo, por mando dos fados, o florido Paraiso Verde, alcatifado, arroteado, povoado, capaz de abastecer o orbe de frutas, de legumes, de cereais e de carnes. Basta para isso que a indústria extrativa seja substituída pela indústria agrícola, tornando o seringueiro lavrador e o caucheiro pastor. Em vez da borracha o arroz, em lugar da balata o gado. Rememore-se a evolução da Austrália."

E dos sábios que por lá passaram e viveram, desde Humboldt, Martius, Bates, Wallace, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Agassis e outros, um déles vaticinou: O vale amazônico será o celeiro do mundo.

Hoje, a Zona Franca de Manaus tem sido de um valor inestimável para a região, não só pelo turismo que tem despertado, aproximando os do extremo Sul aos do extremo Norte, como pelo barateamento da vida.

Um banqueiro e comerciante de Manaus, de visão larga e conhecedor dos problemas amazônicos, assim se externou: "A Zona Franca de Manaus constitui, no momento, uma grande atração turística no setentrião brasileiro e o Amazonas, pela primeira vez em sua vida política e social, toma consciência de ser realmente um Estado e não um enteado da Federação."

Eu, porém, não conheci a Zona Franca. Preferi a bruteza das matas e a singularidade das águas, os meus dois grandes atrativos.

E como já ia no intento de incluir-me na excursão de um dia na selva que, de costume, faz a SELVATUR, ao descer do navio fui arranjar, no Hotel Amazonas, o bilhete-passagem, mediante a paga de Cr$ 65,00, para o passeio.

De manhã cedo, às 7 horas do dia 18-8-69, com um grupo de americanos e companheiros de bordo, tomamos a lancha bem confortável, com 3 camarotes, cadeiras no convez, ao ar livre.

O cicerone, rapaz moreno, simpático, falando corretamente o inglês, encarregou-se de pôr os americanos a par da vida amazônica, das suas belezas naturais, dos lugares aonde iríamos, etc. E, depois, virou-se para nós e disse que iria mudar o itinerário do passeio, pois o lago dos Reis, programado, já estava muito batido, muito conhecido e as Vitórias Régias maltratadas. Para nós, que nada conhecíamos, o lago dos Reis seria sempre surpresa. Mas aceitamos de bom grado o novo rumo que iríamos tomar. Passamos, então, pelo encontro das águas e rumamos para a ilha do Careiro, que fica perto de Manaus e é de onde a cidade se abastece de verduras, leite, etc. É uma ilha bem cuidada, com escolas, agricultura e alguma criação de gado. Mas, aqui e ali, as casinhas de palha, de forma típica, suspensas em palafitas, em que moram os caboclos da região.

De lá, tomamos a direção da ilha de Xiboreno, em cujo **paraná** do mesmo nome entramos para atingir o Solimões, em toda sua pujança. Penetramos, após algum tempo no Solimões, o furo Paracuiba, que liga o Solimões ao Negro. E fomos dar ao lago Januari que, por coincidência, foi o lago visitado por Agassis, quando de sua passagem por Manaus.

A água do lago é límpida e se espraia por largo espaço. Aí ficou ancorada a nossa lancha e tomamos as canoas que rebocávamos desse Manaus, e que nos levariam, através da mata, à Vitória Régia, no seu **habitat**. Na verdade, foi magnífica a marcha nas **montarias** através do túnel verde, meio escuro, nas águas claras do **igarapé**. Mas, logo, a convite do cicerone, entramos o **igapó**, onde, de costume, moram os peixes do mato: o tambaqui e outros. É, também, esconderijo da sucuriju — a cobra grande — e do jacaré. Vimos, apenas, um filhote de sucuriju, de uns 3 a 4

metros, criado por um caboclo, nas margens do **igarapé**. No mesmo **igarapé** em que vimos a sucuruju animal, conhecemos a sucuruju vegetal — o apuizeiro! Todos sabemos, a sucuriju é um ofídio que não tem veneno. Ela apreende a vítima, enlaça-se nela, mata-a de aperto, quebrando-lhe os ossos. Depois, engole-a. E, fato curioso, há na selva um vegetal — o apuizeiro — que é considerado a sucuriju dos vegetais. É uma especie de cipó lenhoso que cresce junto a uma árvore, por mais desenvolvida que seja e, manso e manso, se lhe vai galgando o caule, enroscando-se nele, aprofundando-se na córtice, impedindo a circulação da seiva e matando-a por arrocho! Não é parasita. É uma epífita que se mantém na árvores, sem sugá-la. E morta a planta, ela viceja e triunfa!

A marcha, porém, até a uapés — Vitória Régia — foi difícil e penosa./ Um partido de canarana — um capim grosso e forte — impedia-nos a passagem. A hélice do botezinho não funcionava. Foi preciso lançar mão do remo e da vara para vencer a palmo e palmo o intricado da vegetação. Afinal, chegamos. E as Vitórias Régias se ostentavam em todo o seu esplendor, com folhas imensas, de mais de metro de diâmetro. A flor que é grande, a maior das matas, apresenta-se, no primeiro dia em que desabrocha, de uma alvura imaculada, para, no segundo, tornar-se rósea e, por fim, arroxeada, em plena decomposição.

Voltamos, porque já era tarde, por um **igapó** que daria para o **igarapé**, com maior brevidade. O sol começava a declinar e a mata cerrada era de difícil acesso. Parecia que a noite nos surpreenderia em pleno deserto de água e selva! Confiávamos, porém, nos guiadores das canoas, que eram homens experimentados naqueles selvosos desvãos. E o Parintins, o nosso timoneiro, tranquilizou-nos.

Senhoras do Rio e São Paulo, da alta sociedade, deram mostra de valentia, não se atemorizando com a possibilidade de uma noite na hileia amazônica. Vencemos e logo, ao descambar do sol, tomávamos, seguros, o caminho estreito do **igarapé**. Chegamos ao lago às cinco e meia da tarde, quando tivemos a primeira refeição: o almoço. Alcançamos Manaus quase às sete da noite. E nunca, em minha vida já bem longa, tive memória de passeio tão bonito e de tanto ensinamento das coisas do Amazonas — o Paraiso Verde, ou o Jardim do Eden, como lhe chamou Bates.